

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS INSÍGNIAS/PARAMENTOS DOS ORIXÁS DE CANDOMBLÉ EM SÃO PAULO

José Roberto Lima Santos¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v7i2.47630>

Entrevista/Pesquisa de Campo

Oficina D´Ogum Paramentos

Proprietários: Adriano Tietê de Ogum e Vanessa de Ewá

Localização: Bairro de Eldorado – ABC/Grande São Paulo

08.08. 2019

Adriano Tietê de Ogum e Vanessa de Ewá são proprietários da *Oficina D´Ogum Paramentos*, localizada no Bairro do Eldorado – região do ABC. A oficina é na própria residência do casal. O trabalho é no contexto familiar, pois Charles, que é cunhado de ambos, também trabalha com a feitura de paramentos para orixás, símbolos para os assentamentos, juntamente com Adriano e Vanessa.

O contato inicial foi realizado pelo Facebook, em seguida se deu via WhatsApp. Em um primeiro momento fui recebido por Vanessa, que carinhosamente me serviu um delicioso café. Conversamos um pouco, apresentei-lhe os comprovantes de minha pesquisa e do meu tema. Durante nossa conversa, descobri que ela tinha parentesco com um ferreiro que conheci há mais ou menos 23 anos.

O ferreiro se chamava José Luís. José Luís fez algumas paramentas para a Yemanjá de minha Mãe de santo, para o recebimento do seu decá de 7 anos de iniciada. E para mim, a adaga e lembrancinhas de minha Oyá, para a minha obrigação de 1 ano de iniciação. Ao ver as peças no ateliê/oficina, fiquei emocionado, pois elas me fizeram voltar no tempo e relembrar as memórias de minha vivência e experiência num terreiro em transição da Umbanda para o Candomblé de Ketu.

Por várias vezes estive com José Luís. Conheci sua família, uma vez que moravam na Rua Francisco Rosa de Arzão, número 11, próximo à Rua da Constituição em Diadema, onde se localizava o terreiro que me iniciei para Oyá em 1995. Ele tinha 4 filhos

¹ UNESP - "Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho". E-mail: robertosantosartes@gmail.com

(dois meninos e duas meninas). Sua esposa Dona Filomena era Ialorixá e iniciada para Oyá. E ele era de Xangô Airá.

Depois de alguns momentos, Adriano veio até nós e iniciamos a entrevista. Ele havia saído para fazer compras de materiais para a criação e confecção de suas belas paramentas de orixás.

Como iniciou o trabalho com as paramentas?

Já faz [sic] mais de 26 anos que trabalho com paramentos de orixás e demais elementos para o Candomblé! Na realidade, foi a partir do acaso. Eu não tinha ligação nenhuma com esse ofício. Eu era técnico em matérias primas, ou seja, tinha conhecimento sobre o uso da borracha. Fazia muitos objetos de silicone e fornecia para Sex Shops. Após uma crise financeira na área de comércio, ao fazer uma consulta com um Boiadeiro, ele me aconselhou a trabalhar com ferro, pois Ogum havia mandado me dizer que esse seria o meu trabalho a partir daquele dia.

Nessa ocasião conheci José Luís, que era ‘ferreiro’, fazia paramentos, e passei a frequentar a casa e a oficina que ele possuía. Com isso, comecei a namorar sua filha que se chamava Carolina. Sempre observava o trabalho que ele realizava. Mas não participava de sua produção. Durante o namoro, Carolina ficou grávida, assumi a paternidade e passei a fazer parte da família. Fomos morar juntos.

Minha ex-sogra, a Dona Filomena, era Ialorixá e seu orixá era Oyá. No meio do caminho, fui suspenso para ser Ogã pela Oyá dela. Eu não tinha esse desejo e pretensão alguma de fazer parte do Candomblé. E depois do tempo determinado, fui confirmado como Ogã com o cargo de Axogun (aquele que é detentor dos segredos e que pratica a imolação dos animais a serem ofertados em todos os rituais, desde a iniciação às obrigações decorrentes até o alto grau na hierarquia do Candomblé). Esse cargo é um cargo muito importante, pois participo de todos os rituais ao lado do Babalorixá ou Ialorixá. E ao saber da importância do título, passei a dedicar-me com esmero para aprender tudo que fosse necessário para ser um bom Ogã. Os anos passaram e o que aprendi fui trazendo para a criação das paramentas.

Após algum tempo, José Luís juntamente com Dona Filomena tornaram-se sócios de uma casa de artigos religiosos: A Casa Ilê Axé na Avenida Cupecê. Com o tempo, José Luís desinteressou-se em fazer os conjuntos de paramentos. Mesmo com uma boa clientela, passou a não fabricar mais nada. Quando num belo dia, uma de suas clientes que havia encomendado uma paramenta para Oxum, foi até a casa de artigos religiosos

para fazer a retirada. E José Luís queria devolver-lhe o dinheiro, mas a cliente não aceitou, pois queria as paramentas de qualquer jeito. Então me prontifiquei a fazer as paramentas.

As paramentas foram feitas, de acordo com o pedido da cliente. E partir de então, não parei mais.

José Luís realmente passou a não fabricar mais nada no que se referia aos objetos e paramentas para orixás. A tal ponto de todo o material que utilizava ficou abandonado. Então, pedi a ele tudo que tinha e passei a estudar para criar meus próprios modelos. Durante toda a montagem da casa de artigos religiosos Ilê Axé eu fui um dos colaboradores. Trabalhei um bom tempo por lá.

O primeiro objeto que fiz, já em meu ateliê, foi um Exu para um Pai de Santo chamado Kabila de Oxóssi.

Depois de algum tempo, abri minha oficina. Pedi orientações para José Luís. Eu teria que criar um capacete de Ogum, mas como ele não se interessava mais, fiz sozinho sem o auxílio dele. Fui estudando os desenhos, passei a desenhar também. E na prática fui ampliando as possibilidades de criação e tendo contato com o ferro, fui seguindo meu caminho em nome de Ogum! Me separei da Carolina, e fui seguindo minha vida!

Hoje, no mercado de paramentas aqui na região eu sou o único que ainda preserva a tradição das paramentas para orixás. E as pessoas do axé, o povo do santo, sabem que as peças são feitas por mim em qualquer lugar que as verem [sic]. O design, o estilo, são muito específicos e personalizados. Não há uma produção em série. Cada paramenta é feita de acordo com as orientações dadas pelos clientes. Muitas de minhas criações partem também da solicitação feita pelos babalorixás e ialorixás. São eles que muitas vezes trazem os modelos, os detalhes que os paramentos precisam. Há uma diversidade imensa de particularidades de acordo com a qualidade do orixá.

Quais são seus clientes?

São os babalorixás, as ialorixás e diversos filhos de santo. Alguns clientes também são indicados, tanto pelos babás, pelas iyás e assim sucessivamente. Tenho clientes no exterior também! Inclusive estou enviando uma encomenda para Portugal que está me dando um trabalho enorme. As peças para saírem do Brasil precisam estar cadastradas no IPHAN, pois são catalogadas como obra de arte. Tudo isso por causa de uma Lei que foi promulgada esse ano, em 12.08.2019. Com a autorização do IPHAN poderemos dar

continuidade para exportar nossas peças. E, ainda, há uma outra burocracia com relação aos valores. Tudo é em dólar ou euro e não pode haver excedentes.

E qual a sua relação ao fazer as paramentas?

Pelo meu contato com o Candomblé, sempre prezei criar e fazer os paramentos para os orixás de acordo com as características e qualidades de cada um deles. Por exemplo, há uma qualidade de Obaluaiê que traz um arpão ou lança, o Omolu que traz uma foice, etc. Há orixás que por serem guerreiros usam alfanje, adaga, espadas, enfim, uma infinidade de informações que são importantes para a execução dos paramentos. Há uma qualidade de Oyá que para dançar, guarda em sua peitaça a adaga. Então, eu criei uma peitaça com uma base, para que ela possa colocar para dançar livremente.

A partir das informações dadas pelas Iyás e pelos Babás vou criando. Às vezes, também tenho intuições durante o manuseio com o material. Faço esse trabalho para as divindades. Não para o ser humano. Embora seja ele que faz a encomenda. Há muitos mistérios que envolvem a criação desses objetos.

E a Vanessa participa de que maneira?

Vanessa, ao casar-se comigo, tornou-se minha companheira, meu braço direito e aprendeu a fazer esse trabalho. Ela olha para esse ofício como uma verdadeira obra de arte. Imagine! Um trabalho masculino feito por uma mulher! E ela é excelente no que faz, dedicada e tem um domínio técnico no corte das lâminas de metal que é surpreendente! Ela até criou seu próprio estilo!

Vanessa, fale um pouco para ele, fale para o Roberto...

Sim! Passei a executar o serviço com meu marido, pois me encontrava desempregada. Eu gostava de ver, observar e interessei-me em aprender. E com o tempo, fui criando, aplicando outros elementos nas peças e foi dando certo. Hoje no Candomblé, há muita inovação e a moda nos terreiros. Com isso, de certa maneira, tento acompanhar algo que seja significativo para nossa produção. Mas preservamos a tradição, o cuidado com os detalhes, assim como o Adriano falou a pouco para nós.

Trabalhamos para o orixá, expressamos nossa fé através da criação dessas peças. E para o orixá, tudo tem que ser bem-feito, para que ele se agrade do que fora criado. Muitas vezes, aparecem clientes por aqui que desejam uma cópia. E durante a conversa, vamos sugerindo outras possibilidades que possam traduzir a essência da divindade. Não fazemos somente pelo fazer ou pelo ganho financeiro. Criamos para o sagrado!

E qual tipo de materiais que é utilizado além do ferro?

Trabalhamos com o ferro, com as folhas de flanders e com pedrarias e cristais. O Adriano preserva a tradição de trabalhar somente com o metal. Eu já venho colocando alguns outros elementos, que podem ter brilho. As vezes o cliente solicita e procuramos atender da melhor maneira possível. Fazemos também a combinação dos metais, como por exemplo: metal prata com metal dourado, metal dourado com metal cobre, e assim por diante.

Me diga Adriano, como você pensa os desenhos?

Eu penso de várias maneiras, mas uma das possibilidades, que sempre utilizo, é [sic] os modos de desenhar para a confecção de Richelieu. Eu não faço o Richelieu, mas eu sempre desenhei para pessoas que costuravam e criavam o Richelieu. Com isso, eu passei a aplicar esses desenhos nos paramentos.

Você conhece uma das histórias do Richelieu...? vou lhe contar:

O Richelieu era usado pelas damas da corte, pelas senhoras da colônia. Quando elas jogavam ou não queriam mais as roupas feitas de Richelieu, jogavam fora ou davam para as mucamas, ou as “mocotozonas”. Elas eram as negras que praticavam os festejos, enfeitavam os altares, os tambores com laços. E ainda adornavam os objetos que representavam os orixás.

Com isso, passou a ser uma tradição no Candomblé, principalmente quando há a confirmação de um cargo importante, como por exemplo, a confirmação de um Babalorixá ou uma Yalorixá.

É um tecido chique! Os negros, apesar de utilizarem sacos alvejados para vestir, usavam também o Richelieu. E ele está aí até hoje. Então tudo parte dessa minha experiência com o desenho. E com a simbologia de cada orixá.

Uma baiana tem 5 metros de tecido! Imagine criar os desenhos para tudo isso de tecido... imagine a criação das flores!!!

Observe aquela peça que está ali! Formas arredondadas, naturais. Para orixá não se faz nada a partir do formato quadrado, e sim, pelas formas arredondadas, circulares. Cada orixá tem a relação com algum elemento da natureza. E isso é transportado para as paramentas.

Vejamos: para Oyá, os raios, para Xangô o machado, para Oxóssi o ofá, e por aí vai!

Ah, e há outro detalhe: na peitaça eu faço de uma maneira que se o orixá usa espada ou alfanje, poderá colocar dentro dela, assim dançará livremente!

E você cria outros elementos, outros objetos?

Sim, crio vários outros, inclusive para os rituais internos dos terreiros. Há alguns objetos que são criados para uso no terreiro. E esses são todos contidos de muitos segredos.

Recentemente, eu descobri que há várias peças que fiz no acervo África de um museu lá na Bahia. Fui procurado para fazer as peças, mas não sabia a finalidade delas. Mais tarde recebi a notícia que estavam expostas lá, que fazem parte do acervo.

Inclusive Roberto, hoje tenho clientes em Portugal, em Porto Príncipe e outros países da Europa e USA. Sempre estou enviando minhas peças!

Ah!!! Outro detalhe: você já leu o livro Mitologia dos Orixás do Reginaldo Prandi...

No livro dele há várias paramentas minhas...

Ele cita você como o criador?

Não, não cita. Não só ele, mas algumas outras pessoas que me procuraram para conhecer meu trabalho não atentaram para esse detalhe. Infelizmente!

Houve até uma antropóloga que esteve aqui, mas não temos mais notícias dela!

Ah! Você conhece o Livro Agadá? Leia esse livro Roberto! Irá te ajudar muito no Mestrado. Só para adiantar, leia tudo que ele escreve sobre o Exu Yangi!!! Está corretíssimo!!!

Você poderia falar mais sobre a produção dos objetos para os terreiros?

Sim, faço desde os assentamentos de ferro, até os objetos que são de uso restrito. Tenho uma linha de produção que se refere aos “fuxicos do terreiro”. Não falo muito sobre eles, devido ao uso específico. Somente os pais e mães de santo têm acesso a esse trabalho, pois são criados para outros fins. Estes objetos são específicos para cada casa de axé de acordo com as necessidades.

Meu trabalho está totalmente ligado com a religiosidade e com o Candomblé. Não tem como separar!!! Tudo tem um sentido para ser criado e confeccionado. Tudo está relacionado!

E você faz algum outro elemento de metal ou bijoux?

Bijoux eu não faço, mas sei montar os correntões usados pelas Senhoras da Boa Morte. A grande valia dos correntões se dá devido às argolas serem duplas e pelo banho de ouro! Fazemos aqui as lembrancinhas com elementos que venham representar as divindades. Por exemplo: peixinhos de metal prata para Yemanjá, peixinhos ou espelhos dourados para Oxum, espadas para Ogum, Ofá para Oxóssi e assim por diante. Trabalhamos também com as ‘pencas’, com os símbolos das divindades para enfeitar os ibás!

Você e a Vanessa poderiam me contar em detalhes o processo de criação?

Sim, há várias etapas:

Etapa 1 – desenho da ideia para servir de molde; (geralmente as ideias são trazidas pelos pais, mães e filhos de santos e nossa intuição);

Etapa 2 – fazemos o corte das peças que formarão o conjunto; (cada orixá possui as preferências e é importante sabermos da qualidade);

Etapa 3 – Desenho é transferido para a peça que já está cortada; (usamos o carbono para fazer a transferência);

Etapa 4 – traçamos o pontilhado na peça para criar os desenhos;

Etapa 5 – Fazemos os cortes para criar os espaços vazados, assim como é feito no Richelieu;

Etapa 6 – realizamos o batimento para criar o relevo;

Etapa 7 – fazemos o rebatimento para pegar forma; (formato);

Etapa 8 – montagem da peça caso esteja separada alguma parte;

Etapa 9 – polimento das peças;

Etapa 10 – finalização e entrega da encomenda.

Ainda há os pormenores, as aplicações que são colocadas em alto relevo, geralmente um elemento que represente o orixá, como por exemplo, após fazermos a coroa para Oxalá, sempre haverá um pombinho no topo da coroa, caso seja fechada. Se acaso for uma coroa aberta, ou um capacete, que no caso, é utilizado pelo Oxaguiã (o Oxalá Novo), será colocado o desenho de um pilão, e assim, sucessivamente!

Ah, estava me esquecendo Roberto: fazemos os adjás para a entrega dos decás. Temos vários modelos e diferentes ornamentos para os adjás também!

Eu quero te mostrar a coleção de orixás que fiz! Foram feitos os 15 orixás:

Exu, Ogum, Oxossi, Logun ede, Xango, Oxum, Oyá, Yemanjá, Ewa, Obaluaiê, Nanã Buruku, Oxumarê, Ossãe, Oxalá e Oxaguiã!

Em uma semana foram todos vendidos para um único cliente!

Dá muito trabalho, mas a recompensa e o reconhecimento, além do dinheiro, nos faz [sic] um bem!

Tudo sob a permissão de Ogum, de Ewá e de todos os orixás que nos guiam e nos protegem por aqui!!!

Estamos a sua inteira disposição no que precisar para sua pesquisa!

Seu Mestrado será muito bem-feito e bonito!

Parabéns!!!

Finalizei a entrevista, retornei à oficina para fotografar algumas peças e recolhi a assinatura de Vanessa e Adriano, conforme combinamos.

Foi uma tarde agradável e muito importante! Pois aprendi muito com eles e realmente estar atento à escuta, ouvir o que o outro tem a dizer, enriquece o repertório da busca do saber e celebra a troca de conhecimento.

Recebido em: 19/03/2023

Aceito em: 25/05/2023